

Quando os vínculos adoecem.

Adriano Oliveira*

O homem contemporâneo, na ânsia de mobilidade para sempre novas excitações dos sentidos através da fruição do lazer, do contato com a tecnologia, das viagens e dos intercâmbios de natureza sexual, não raras vezes, pela desvinculação com instâncias que antes o amparavam.

De um lado, homens e mulheres do nosso tempo deixam arrefecer os vínculos familiares. Isto significa, pois, que a ligação de caráter afetivo com a figura do pai, da mãe e dos irmãos, já não se apresenta tal como se apresentava em séculos anteriores, quando, pois, as vinculações intra-familiares eram muito valorizadas e legitimadas socialmente.

Ocorre em nossos dias, entretanto, justamente o oposto. Estar ao lado de alguém pode ser substituído, ao que parece, e sem maiores dificuldades, por estar-se à frente de um computador, diante de um televisor ou mesmo sob os sons estridentes de um fone de ouvido. Noutras vezes, o distanciamento do outro e da vida de relação se dá através de justificativas bastante racionais – embora equivocadas –, como a de necessitar o indivíduo concentrar-se em seu trabalho, na busca de sucesso profissional, acadêmico, ou mesmo de se buscar a felicidade. Esta última, pois, no cenário do mundo contemporâneo, tem sido definida como obtenção do prazer sexual e do prazer de comprar objetos, ou seja, dentro dos moldes de uma moral do prazer. Feliz, nestes parâmetros, se faz todo aquele que pode participar avidamente do jogo consumista de objetos ofertados pelo mundo publicitário e, somando-se a isso, aquele ou aquela que pode, sem maiores entraves, dedicar-se à obtenção e intensificação do prazer de caráter sensorial, seja através da sexualidade ou através de festas incessantes, lazes ininterruptos, fruição constante do momento presente. Para o cientista social polonês Zygmunt Bauman (1998), este indivíduo se apresenta para nós como o “vencedor”, ou seja, aquele que pode participar sem constrangimentos ou limitações das constantes ofertas de prazer, em uma sociedade que elege como critério de felicidade a adesão a uma moral do prazer. Contudo, não são somente a capacidade de compra e disposição para a busca de novidades e prazeres sensoriais os pré-requisitos para a assunção de uma identidade de vencedor. Torna-se necessário, ainda, assumir um padrão relacional que Bauman (1998) denomina como o de um “turista vencedor”. O turista vencedor *não tem vínculos*. Apresenta-se como o homem ou a mulher que abdicaram das ligações familiares, das ligações com a localidade onde nasceram, com a pátria, com a sociedade, ou seja, *com a busca pelo bem comum*. São indivíduos bem situados socialmente mas que, em contrapartida, apresentam-se solitários quando se trata das relações que mantêm com o outro. Se estão com um namorado ou namorada, isto se dá por pouco tempo, o tempo suficiente para que este relacionamento breve *não atrapalhe sua liberdade* - a qual significa servir à empresa ou instituição em que trabalha de forma integral, submetendo-se a todas as suas exigências, mesmo que digam respeito a suas lealdades familiares e afetivas - ou prejudique sua flexibilidade para decidir, a cada momento, qual a nova oportunidade de prazer que se apresenta. Neste cenário, pois, o turista vencedor abdica de todos os seus vínculos afetivos, a fim de permanecer livre de quaisquer compromissos e laços que demandem energias suas.

No início do século vinte, os critérios de valoração dos indivíduos se apresentavam como de

* O autor é psicólogo de orientação transpessoal e professor do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal de Santa Maria. Desde 1999, atua como trabalhador da Sociedade Espírita Amor a Jesus, Santa Maria-RS. E-mail: psic.adriano_oliveira@yahoo.com.br

caráter interno, intimista, sendo então enaltecidos os valores morais, a adesão a filosofias de vida ou ideologias que primassem pelo bem comum; era valorizado o conhecimento intelectual, a busca da sabedoria e ainda a construção e manutenção dos familiares (Ortega, 2006). O indivíduo que reunisse em si esses atributos era, pois, considerado um cidadão exemplar, digno de exemplo para os mais jovens, meninos e meninas, rapazes e moças. Algo completamente distinto se dá no mundo contemporâneo, pouco mais de cem anos após a vigência desse modelo de valoração social. Hoje, de outro modo, valoramos o jovem ou a jovem quando eles são esbeltos fisicamente, quando demonstram vigor e tônus muscular conforme os ditames dos meios de comunicação de massa (Ibid.) Esperamos deles, sim, que sejam vencedores, mas essa vitória significa não a adesão a uma filosofia de vida, uma religião, uma ideologia política – não! Quer a sociedade, pois, que sejam os vencedores da aparência, ou seja, que conquistem a beleza para adentrarem ao universo de prazeres que está a disposição deles e que conquistem valores amodados para poderem participar do jogo consumista. Tal se faz o critério de “jovem vencedor”, que nas últimas décadas se tem convencionalizado. Modelo, o qual, nada mais representa que o próprio protótipo do turista vencedor, diagnosticado por Bauman (1998): o do sujeito sem vínculos. Desse modo, os jovens são incentivados a não manterem relações duradouras, a não abraçarem causas ou ideias de vida que venham a atrapalhar sua busca de afirmação social. Nessa busca, pois, os pais e a comunidade em geral nem mesmo preocupam-se mais com o sentido da escola fundamental e com a escola de ensino médio (Oliveira, 2008). O que elas devem fazer, não poucos afirmam, é unicamente auxiliá-los a memorizar adequadamente conteúdos para processos seletivos para concursos ou para a universidade. Ensinar a cidadania, a busca pelo bem comum, o respeito pelo outro, discutir valores que devem ser considerados a base da convivência social, não, isso não! Isto não é importante para os pais que vêem no ensino apenas uma etapa de caráter utilitário e não de formação do indivíduo, de ensaio para entrada definitiva na vida adulta (Ibid.). Desse modo, pois, quando um jovem se apresenta, em nossos dias, longe do seu lar, sem responsabilidades familiares e com os recursos hábeis para participar da sociedade de consumo, eis o vencedor! Eis aquele que todos os demais gostariam de ser: um indivíduo sem vínculos, afastado dos laços familiares, desprovido de relações afetivas duradoras, podendo transitar entre tantas companhias distintas e, cabe ressaltarmos, um indivíduo que não se afilia a nenhuma causa pelo bem comum. Sua busca, pois, apresenta-se apenas como a busca pelo próprio gozo pessoal, seja intelectual, sexual, de fruição prazerosa nos lazeres incessantes.

Estar sem vínculos. Afinal, o que significa não ter vínculos? Os animais, seres ainda inferiores aos humanos na escalada evolutiva, não bastasse o instinto gregário que os une, elaboram práticas que reforçam as vinculações nos grupos a que pertencem. Desse modo, animais de um mesmo grupo, como se pode observar, diariamente se tocam, das mais variadas formas, como forma de reconhecer seu companheiro, como forma, também, de afeto, enfim, como um modo de reforçar a relação gregária que ali se estabelece. Eles nunca pensaram sobre isto, sem dúvida, mas, mesmo assim o fazem. Nas últimas décadas, pois, os seres humanos, criaturas mais avançados nos critérios evolutivos, e dentro do cenário social já brevemente descrito, parecem ter abdicado de práticas semelhantes junto a seus familiares, amigos, companheiros de trabalho. Sim, possuem laços familiares. Sim, possuem algumas amizades e também laços de trabalho. Entretanto,

progressivamente vêm os vínculos afetivos profundos se dissolverem, de forma tão rápida como a névoa se dissipa ao receber os primeiros clarões do Sol. Quando perguntamos a alguém, então, sobre suas relações, sobre como elas estão, a resposta é sempre simplória e superficial: “*estão bem, tudo vai bem*”, com os amigos, com os familiares, com os companheiros de trabalho. Uma análise descuidada certamente acreditaria nessas palavras, que quase todos proferem quando são indagados sobre a qualidade de suas relações. Entretanto, o contexto social em que vivemos nos leva a perceber que essas relações não se encontram tão bem estabelecidas como a maioria das pessoas afirmam estar.

No mundo da fluidez e rapidez da comunicação virtual, onde um indivíduo pode dialogar com vários outros simultaneamente, de forma curta e breve, dedicando sua atenção a todos ao mesmo tempo – ou a nenhum deles, pode-se afirmar, com mais acerto – o outro que não vejo ou que apenas visualizo através de uma câmera, se for o caso, se torna descartável, dispensável, substituível. Torna-se muito fácil deletar alguém de uma lista de amigos; mais fácil ainda perceber que um amigo ou familiar se encontra disponível para conversa, virtualmente, e então *fazer de conta* que não se está disponível, que se está “ausente”, “*offline*”, “ocupado” ou tantas outras denominações hoje existentes em programas da informática os quais permitem que um indivíduo dialogue com outros internautas.

Toda essa dinâmica, acima descrita, tem se apresentado de forma muito semelhante nas interações cotidianas entre as pessoas. Estamos com as pessoas, *mas não estamos*, ao mesmo tempo. Dialogamos com ele ou ela, mas, na verdade, *não estabelecemos uma relação de escuta* com essa pessoa. Encontramo-nos para lazeres, reuniões, bate-papos com inúmeros familiares, amigos, conhecidos, contudo, *não nos vinculamos a eles*. Estabelecemos *conexões* com as pessoas, mas não vínculos. Estar conectado a alguém significa estar ligado temporariamente, até que nova pessoa ou situação se torna mais interessante ou atraente. Estar conectado significa poder alterar a natureza da relação a qualquer momento, tal como um internauta decide fechar janelas e abrir outras em suas navegações pela internet ou então terminar uma interação e iniciar outra, com nova pessoa, descartando o interlocutor anterior. De fato, descartar pessoas para nos ligarmos a outras tornou-se um hábito tão familiar quanto corriqueiro para muitos indivíduos contemporâneos, como se o outro já soubesse que assim seria. *Como se as regras do jogo estivessem claras para todos*. Estar conectado a uma ou mais pessoas, assim, apresenta-se como uma relação bastante distinta do que estar vinculado a alguém. Quando estou conectado, apenas, mantenho laços flexíveis com o outro, não havendo qualquer lealdade a valores duradouros ou promessas relativas ao amanhã e ao futuro. Mantenho minha sensação de liberdade, de forma a estar aberto a outras possibilidades de intercâmbio com novas pessoas que podem surgir e que, quem sabe, possam ser mais interessantes do que os atuais companheiros e amigos. Manter conexões com as pessoas, assim, permite que o indivíduo se aproxime da identidade do “turista vencedor”: não mantém vínculos duradouros com familiares e encontra-se disponível para zarpar em direção a qualquer outra novidade a qualquer momento, tão logo a oportunidade se lhe apresente.

Diferentemente das conexões, os vínculos são de natureza completamente distinta e oposta. O vínculo une um indivíduo a outro de forma constante, ininterrupta, a fazer com que a interação entre ambos não seja simplesmente uma conversa fortuita, mas uma relação de interesse genuíno entre

ambos. Um e outro se escutam mutuamente. Sabem calar e ouvir; procuram fazer as perguntas corretas para avaliar se o outro verdadeiramente se encontra bem, afetivamente, profissionalmente, psicologicamente. Quando um vínculo é estabelecido, energeticamente e emocionalmente estou ligado àquela pessoa, de forma que essa ligação produz contentamento, preocupação com o outro, necessidade de saber como o outro se sente e passa seus dias. Nada parecido, sem dúvida, àquelas conexões de que falamos, quando, em verdade, apenas interagimos temporariamente com alguém, sem nenhum interesse genuíno. Estar vinculado, desse modo, traz consigo um atributo essencial desse tipo de relação: *a responsabilidade*.

Não existe um vínculo afetivo entre dois seres humanos quando não há responsabilidade. Quando estou vinculado a alguém, torno-me *co-participante* de seu crescimento, de seu desabrochar como ser humano, como espírito. Quando me vinculo a alguém estabeleço uma ligação profunda entre eu e o outro, de forma que já não posso ignorar suas necessidades, seu bem-estar, seus anseios. Não me torno responsável pela realização e desenvolvimento do outro ser, mas me torno um dos marcos existenciais de sua trajetória. Em outras palavras, passo a fazer parte permanente do cenário existencial da outra pessoa, uma referência. Alguém que está ali e que não deixará de estar no dia seguinte, na semana que vem, no próximo ano. Torno-me *co-participante* de uma empreitada evolutiva e, assim, deixo-me aberto às solicitações possíveis de serem atendidas de minha parte: como amigo, como companheiro, companheira, como irmão, como filho, como mãe, como pai.

Nem sempre, todavia, as atribuições forçosamente impostas pela consangüinidade geram vínculos. *Há pais que não estão vinculados a seus filhos. Há mães que não estão vinculadas aqueles que receberam em seus ventres. Há filhos que não estão vinculados a seus pais.* Há famílias em que apenas existem conexões temporárias entre seus membros, de forma que *cada um vive sua vida particular*, sem procurar ser participante ativo da vida do outro. Está sob o mesmo lar, contudo, retirou-se sem avisar das paisagens existenciais do outro. Está ali, mas, em verdade, não está. Apresenta-se-lhe fisicamente, entretanto, psiquicamente se encontra bastante distante. Desse modo, muitos indivíduos no nosso mundo contemporâneo apenas mantém conexões e relações formais, instituídas, com os outros – apesar disso, estão desvinculados dessas pessoas. O que se dá muitas vezes, de fato, em inúmeras famílias e grupos sociais, são situações em que *os vínculos adoeceram*.

O adoecer de um vínculo ocorre quando negligenciamos as necessidades emocionais de compreensão, companheirismo e afeto do outro. Podemos estar ao seu lado, mas não ouvimos seu mundo interno. Podemos estar juntos, mas não procuramos adentrar os seus sentimentos e ver como aquela criatura se encontra: se está triste, se está angustiada, ansiosa, preocupada... Não ouvimos o que está por detrás do sorriso que esconde uma tristeza muito grande, não raras vezes, mas que evita queixar-se com medo de perder a amizade, de ser inconveniente. Um vínculo adocece, noutros momentos, *quando o outro percebe que se faz alguém descartável para nós* – quando percebe que apenas estamos com ele, com ela, *quando convém*. Quando um vínculo adocece, pois, ***as expectativas de afeto e consideração por parte daquele a quem estamos vinculados não se vêem satisfeitas, preenchidas***. Certamente que ninguém é o responsável pela felicidade do outro. Entretanto, todos nós ***somos responsáveis pela quota de afeto que a nós cabe doarmos em relação a pessoas a quem nos vinculamos*** afetivamente.

Quando os vínculos adoecem, por conseguinte, eles dão lugar a sintomas que, em verdade, disfarçam seus verdadeiros motivos. O pai que reclama do filho, de sua desorganização ou falta de colaboração em casa, pode, pois, estar a queixar-se da *falta de companheirismo e afeto por parte do filho*. A mãe, que em suas atitudes acaba por ferir a liberdade da filha junto às amigas, justificando-se pela necessidade de limites por parte desta, pode estar, por sua vez, a *cobrar mais carinho e consideração por parte de sua antiga companheira*, que agora prefere as colegas de escola. ***Quando não fazemos a leitura do que está realmente por detrás das palavras, não escutamos o mundo interno daquele que se vinculou a nós.*** Assim, por detrás de uma palavra hostil, carregada de raiva, sempre há um sentimento inconfessável, ***há uma queixa oculta*** que teme mostrar-se, que não se expõe por falta de habilidade emocional ou pelo medo da rejeição. Por detrás do azedume de algumas verbalizações, desse modo, existe a busca de ser preenchido por algo que o indivíduo julga não estar recebendo de nós.

Nossos vínculos estão doentes.... necessitando de nosso olhar, para então, podermos pensar cuidadosamente e com carinho sobre onde estamos canalizando em demasia nossas energias. *Onde estamos concentrando nossos investimentos psíquicos, de forma a não restarem energias para aqueles que realmente precisam de nós?* Em que, pois, se tem transformado nossas relações afetivas, de fato, em *conexões, temporárias, fugazes e desinteressadas*, ou em *vínculos, perenes, responsáveis?* Cada um de nós sabe, ao olharmos com cuidado para nossas vidas, onde estamos sendo negligentes com as pessoas ao nosso redor, onde poderíamos doar mais nosso afeto e nossas energias. Cada um de nós sabe qual pessoa está esperando algo de nós, um gesto, uma palavra, uma atitude amiga, *uma escuta verdadeira*, que saiba adentrar ao campo de experiência do outro, à sua forma de ver e sentir as coisas.

Se tu te encontras envolvido em discussões constantes e interminas no seio familiar... Se tu te encontras diante de relacionamentos afetivos onde a hostilidade tem se apresentado com frequência, torna-se imperioso o teu olhar cuidadoso, paciente e sincero para o que ocorre nesse instante de tua vida. *Um olhar que não veja os argumentos das discussões, mas os sentimentos que estão por detrás deles. Uma escuta que não perceba as palavras, a razão, mas o coração.* E então tu poderás começar a ver com clareza onde o adoecimento está se dando nos teus vínculos. Terás a oportunidade, finalmente, de detectar onde está o ferimento emocional que necessita ser tratado e curado.

Referências Bibliográficas:

- BAUMAN, Zygmunt (1998). O mal-estar da pós-modernidade. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.
- ANGELIS, Joanna de (2005). Libertação pelo amor.[psicografia de Divaldo Pereira Franco. Salvador, BA: LEAL.
- ORTEGA, Francisco (2006). Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes e EUGÊNIO, Fernanda (2006). Culturas Jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- OLIVEIRA, Adriano Machado (2008). Jovens e Adolescentes no Ensino Médio: sintomas de uma sistemática desvalorização das culturas juvenis. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria.